



# O DESPERTAR

BOLETIM RELIGIOSO DA IGREJA LUSITANA

Director — L. DE FIGUEIREDO — Calçada das Lages, 6 — Lisboa

Redactores — A. FERREIRA ARBIOL — Rua do Cativo, 6 — Porto  
SAUL DE SOUSA — Trav. do Quebra Costas, Gaveto 12, r/c-Esq. — Vila F. de Xira

ADMINISTRAÇÃO — Secretaria Administrativa da Igreja Lusitana — Rua 1.º de Maio, 54, 2.º — V. N. de Gaia  
Composição e impressão: Empresa Técnica de Tipografia, Lda. — Vila Franca de Xira

## Convicções e Tolerância

Revmo. Bispo-Eleito Dr. Luís Rodrigues Pereira

**E**XISTE, para quase todas as virtudes, o perigo de orientarmos a prática delas de tal modo, que se torna possível cair em defeitos capciosamente disfarçados nessas mesmas virtudes.

Grande virtude é a tolerância! Aquele porém que toma a posição anedótica de concordar com dada opinião mas não discordar da opinião contrária, não é uma pessoa tolerante, é apenas um... invertebrado. Certas afirmações, determinadas atitudes, tais procedimentos, em inteiro desacordo com princípios doutrinários ou eclesiológicos professados, deixam de ser tolerância, para se tornarem em incoerência, leviandade e, algumas vezes, traição.

Grande coisa é a firmeza de convicções! Mas é necessário não a confundir com o fanatismo, a estreiteza de espírito ou a falta de caridade para com os que de nós discordam.

Como podemos ser tolerantes, sem faltarmos à lealdade que devemos à verdade, tal como ela se nos apresenta?

Em primeiro lugar, não havemos de consentir que diferenças de opinião interfiram com a amizade pessoal que nos liga àqueles de quem diferimos, ou que impeçam a colaboração com eles, em actividades que não sejam contrárias aos nossos princípios. Aqueles que experimentaram mesmo cultivar amizades com pessoas de diferentes crenças, são os primeiros a testemunhar das bênçãos e lições recebidas por meio dos convívios assim criados.

Em segundo lugar, devemos estar prontos a crer na sinceridade dos que pensam de modo diferente do nosso. Deixa-nos por vezes boquiabertos a facilidade com que em certos sectores se decide da realidade da fé do próximo! Uns são rotulados de idólatras ou de ritualistas; outros declarados modernistas ou hereges e, portanto, infiéis; todos decretados filhos das trevas, a caminho do inferno... Não devemos duvidar da sinceridade daqueles nossos irmãos que assim pensem a nosso respeito, mas... temos de lamentar a sua intolerância. Já S. Paulo dizia: «O Senhor conhece os que são Seus». Só Ele sabe o que está no coração do homem e o ser-se ou não verdadeiro «filho de Deus» não depende tanto da ortodoxia do nosso credo, por muita importância que isto tenha, como do nosso carácter e atitude em relação a Deus.

## A VISITA DO BISPO BAYNE

Publicaram vários diários de Lisboa e Porto, notícia oriunda de Londres, de que vinha a Portugal o Revmo. Bispo S. Bayne, Secretário Executivo da Comunhão Anglicana. Tinha essa vinda por fim, conferenciar com o nosso Bispo-eleito no sentido de estabelecer concordata com a Igreja Episcopal dos E. U. da América.

O Despertar tem o dever de esclarecer os seus leitores acerca do que a este respeito se passa.

Desde a sua restauração em 1880, a Igreja Lusitana tem sido patrocinada por Bispos da Comunhão Anglicana que ordenaram clérigos, confirmaram fiéis e, finalmente, sagraram o nosso primeiro Bispo. Todavia nunca se haviam estabelecido oficialmente relações de inter-comunhão, embora esta praticamente existisse.

A Igreja de Irlanda, decretou num dos seus últimos Sinodos a inter-comunhão connosco. A «Convenção» da Igreja na América, que vai reunir em Setembro próximo, irá considerar (e com certeza votar) uma concordata que tem por objectivo dar reconhecimento oficial àquelas relações de plena comunhão que *de facto* já existem.

Os termos da concordata, que são análogos aos da concordata feita com a Comunhão Velho-Católica, incluem o reconhecimento mútuo de plena catolicidade. Qualquer das Igrejas, não fica obrigada à adopção de práticas ou usos litúrgicos em vigor na outra.

A Comissão Permanente do Sinodo, já tomou conhecimento desta concordata, e tornou-a, com entusiasmo, em proposta a apresentar ao Sinodo Geral, que reunirá, extraordinariamente, em 1 de Novembro próximo, segundo se projecta.

Apraz-nos também informar que a Igreja Católica Filipina Independente vai fazer com a Igreja Episcopal Protestante dos E. U. A. concordata semelhante à nossa.

(Continua na pág 11)

# NOTAS E COMENTÁRIOS

Paulo Agostinho

## Prof. Eurico de Figueiredo

A inauguração do «Ginásio Prof. Eurico de Figueiredo», realizada há pouco em S. Paulo, Brasil, constituiu uma homenagem de saudade e gratidão. Foi Eurico de Figueiredo um pedagogo notável que deixou um exemplo e uma obra, principalmente a que se revelou na formação do carácter e personalidade das diferentes gerações de alunos que ensinou, e que, ali presentes em grande número, foram as testemunhas vivas da sua dedicação, da sua abnegação. Falou em nome deles a jovem Prof.<sup>a</sup> Maria Helena de Figueiredo Steiner, antiga aluna do Instituto Caetano de Campos, onde Eurico de Figueiredo era vice-director.

Esta homenagem fez-nos recordar a sua vida iniciada em Lisboa, no seio da Igreja Lusitana, na congregação de S. Paulo, hoje Catedral. Aqui, nesta Igreja, Eurico de Figueiredo foi aluno da Escola Dominical. Aqui passou a sua juventude. Aqui atingiu a maioridade do seu espírito, onde como pregador leigo, revelou as suas qualidades de orador distinto, de longo fôlego, e pensador profundo. Era igualmente artista inspirado. Dominando a técnica do órgão, onde era virtuoso, improvisava facilmente. Quando, aos domingos, tocava na velha Igreja de S. Paulo, o seu sentimento, duma pura e elevada espiritualidade, se transformava em harmonias que enchiam o ambiente duma profunda religiosidade. Ainda hoje muitas pessoas, membros desta Igreja, recordam esses momentos. Em Eurico de Figueiredo, arte e personalidade vibravam em unísono, como afirmava um jornal de S. Paulo, «O Estado de S. Paulo», num artigo em que recordava a sua figura de artista.

Quando da primeira guerra mundial, sendo aluno dos últimos anos da Universidade Técnica de Engenharia, apesar de, por doença, estar isento da vida militar, ofereceu-se voluntariamente para servir nos campos da Flandres, como oficial do Triângulo Vermelho, ajudando assim, moral e espiritualmente, os nossos soldados que ali combatiam em defesa da Pátria e dos direitos dos povos.

Terminada a guerra, neste seu ideal cristão de servir, ofereceu-se para prestar serviço numa das missões evangélicas de África, onde permaneceu alguns anos. O seu trabalho ali realizado ainda há poucos anos foi lembrado, em Lisboa, na Catedral de S. Paulo, pelo saudoso Dr. John Tucker, individualidade que foi de renome internacional no campo missionário.

Mas o Brasil tentava-o há muito, como tentou tantas gerações de portugueses que ali se esforçaram por honrar as duas Pátrias. É difícil encontrar português algum, cuja parte de sua família não viva no Brasil. Assim acontecia com Eurico de Figueiredo. Após a sua experiência em África, voltou-se para esse grande país de língua portuguesa, onde viviam os conhecidos jornalistas António de Figueiredo e Ricardo de Figueiredo, seus parentes próximos.

Em S. Paulo recomeçou a sua vida como professor de algumas escolas secundárias, mas foi no Instituto Caetano de Campos, onde chegou a vice-director, que a sua acção foi mais constante, e onde por fim, exclusivamente, ensinava.

Quando há sete anos nos visitou, muitas denominações protestantes, apesar da sua maneira de ser, enraizada no sentido católico da Igreja, que singela e naturalmente não escondia, o convidaram para pregar. A clareza evangélica de sua mensagem, a sinceridade e o fervor com que expunha a Palavra de Deus, prendiam a atenção de todos os que o ouviam. Era na verdade um orador nato. Tinha dentro em si a flama dum evangelista com um sentido extraordinário da grandeza do Reino de Deus, da doutrina do Amor de Cristo pela Humanidade.

A Homenagem hoje prestada pelo «Despertar» nas suas colunas a Eurico de Figueiredo, fazendo lembrar um pouco a sua arte inesquecível, é como um bálsamo na saudade que a sua personalidade deixou em nossos corações.

## A Música no Culto

Todos nós sabemos que a música nos nossos cultos não é tratada com aquele cuidado que sentimos ser necessário. Isto é um erro grande, pois devemos amar a Deus com todo o nosso entendimento, com toda a nossa Fé e servi-Lo através os dons que Ele nos concedeu. E a música é um dom inestimável que muito pode contribuir para a nossa edificação.

Platão, severo com a Arte, porque muitas vezes não encontrava nela os factores essenciais que elevassem a natureza humana, mas sim pelo contrário, indícios de promover a supremacia dos seus elementos inferiores, tinha para com a música carinho e predilecção, dando-lhe até um certo valor ético e social, pois, exprimindo harmonia e paz, influenciava salutarmente a educação dos homens, ajudando-os no seu aperfeiçoamento moral.

No nosso país, por razões antigas, a educação musical tem sido até aqui relegada para lugar secundário. Temos, é certo, o nosso folclore animado, vivo, com características bem portuguesas, de movimento e dança. E, não é menos verdadeiro, que nas camadas jovens se começa a desvendar um certo interesse pela música séria. Mas daí a satisfazer as necessidades do nosso espírito, que ama a música como dom precioso, estamos bastante longe.

Possuímos uma colecção linda, (ainda que necessitando actualização, ordem e arrumo) no nosso hinário de «Salmos e Hinos». Existe também já uma música litúrgica de origem portuguesa (1) a que o povo, a pouco e pouco, se vai adaptando, e de tal forma que, numa ou noutra Igreja, em que começa a criar raízes, já existe opinião formada de que o culto feito desta forma toma outro aspecto. A razão é que descobriram finalmente uma linguagem litúrgica com que melhor podem exprimir os seus sentimentos de adoração!

Mas a música tem uma técnica. E, nela, como em todas as coisas, já dizia Edison, há 1% de inspiração e 99% de transpiração, isto é, de trabalho. Pensar que, porque se gosta e se tem um bocadinho de habilidade, se possui o suficiente para orientar o canto da Igreja, é um erro de que resulta grande mal, pois nada é de piores consequências para a música do que uma execução defeituosa, do que uma má interpretação. Cria abateimento, desgosto, falta de coragem para prosseguir. Assim a engrenagem pára. Deste modo a máquina não anda. E vamos de mal para pior!

Criem-se e eduquem-se técnicos de música sacra. Porque não é o cultor de música profana, duma maneira geral, que se adapta facilmente ao género religioso. É necessário vocação e tempo. Dê-se a esses técnicos o seu lugar no culto, o seu lugar de comando na música da Igreja, dentro, naturalmente, do consenso geral dos seus ministros e da directriz sinodal. E verão depois como o ambiente das nossas congregações se transforma num maior ardor, animação e vontade dos seus crentes, que encontraram um melhor meio de se exprimir.

E assim terão ocasião de apreciar como são cantados dentro do movimento próprio, expressando acção, entusiasmo e dinamismo, esses hinos belos, cheios de vida e de harmonia, património inestimável da Igreja Reformada, e como é interpretada, dentro do espírito religioso das palavras e com mais certeza e convicção, a liturgia da Igreja, eixo da forma do nosso culto da adoração.

Esperemos que num futuro próximo, ao entrarmos na Igreja, possamos recolhermo-nos em ambiente mais propício de meditação, cantarmos os corais com todas as veras da nossa alma, orarmos cantando, como faziam os cristãos primitivos, e, de forma alguma, não ficarmos recolhidos e tristes a um canto, isoladando-nos no nosso próprio eu, num culto que deve ser de todos, feito por todos, em unísono de Fé e entusiasmo, que a música tanto ajuda a realizar.

(1) — Temos de fazer a justiça merecida ao Revmo. Bispo-eleito Dr. Luís Pereira, pois tem sido um impulsor na Igreja Lusitana da criação duma música litúrgica, própria dos serviços divinos.

## «O Poder da Música»

Vem a propósito citar um interessante artigo no *Reader's Digest* (1) sobre a acção da música na união, em Israel, dos seus recentes habitantes. Se oriundos, é certo, duma mesma raça, vinham das 5 partes do Mundo, estranhos, com os seus costumes próprios, com a sua língua materna diferente. A Babel não era mais heterogénea do que aquela comunidade, segundo testemunhas oculares. É certo que havia um ponto comum, uma raça ancestral. Mas a mistura dos sangues, os caracteres somáticos já diferentes, as suas várias

(Continua na pág. 4)

# Teologia comparada...

## como criá-la?!

Rev. Cónego Eduardo Moreira

Pergunta-se-me: como fazer «teologia comparada»? A interrogação é justa e oportuna. Igual à de Santa Maria, a Bendita Virgem, na Anunciação maravilhosa: «Como se fará isto?» Ou estoutra de Jerusalimitanos compungidos, para S. Pedro e os companheiros: «Que faremos, varões irmãos?» A mesma ansiedade e a mesma humildade devem reger as nossas intenções.

Ora é isso que em geral, não tem havido, permiti que vo-lo diga com desassombro sincero, mas cortês. A verdadeira ciência, a mais alta, é humilde e ansiosa. Reconhece a fraqueza de início e anseia por uma melhor realização. Por que não a imitaremos, já que não temos sabido servir-lhe a ela de modelo?

Ansiedade, tê-la-emos quando compulsamos o Texto Sagrado. Humildade, manifestamo-la ao suplicar a protecção divina. Mas na meditação conjunta, no esforço colectivo duma exegese, na troca de impressões quando se afirmam princípios, imediatamente a ansiedade é inquinada e a humildade obscurecida. Surge o *parti pris*, desfralda-se o pendão onde as cores se não esbatem como as do Arco Iris, antes são cruamente vincadas num grito de imposição *a priori*. As cores químicas que se contrapõem ou se sobrepõem nunca darão a luz. O mais que se obtém com elas é um branco sujo, um pardo neutro.

Teremos então de aceitar um eclectismo, ou um sincretismo? Não é de aconselhar, nem um nem outro. O eclético escolhe, por compromisso, para criar uma teoria; por compromisso o sincretista procura enxertar ou amalgamar doutrinas diversas e até opostas. Ora a verdade que se busca não se compadece com plataformas prefabricadas. O que é necessário é o equilíbrio de todas as nossas faculdades ao conjugarmos a nossa actividade de análise: «Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração e de toda a tua alma e de todo o teu entendimento... e amarás ao teu próximo como a ti mesmo». (S. Mateus 22: 37 e 39). Notai que

o duplo texto, citado de Deuterónimo (6: 5) e de Levítico (19: 18) pelo Senhor, que assim lhe deu, na junção e na referência, uma significação ainda mais sagrada, começa pelo *amor*, aquilo que mais se cita e menos se pratica. A nossa vida tem de firmar-se nessa base eterna. Temos de reconhecer que uma Verdade existe, para além da nossa razão, e a primeira prova disso é que a razão de cada um tantas vezes se opõe às razões de outrem, essas que nos surgem em multidão confusa e invocando os mesmos direitos que a nossa.

E' em busca dessa Verdade transcendente, que a palavra de S. Paulo aparece com todo o seu poder de persuasão: «Esteja cada um inteiramente seguro no seu próprio entendimento» (Rom. 14: 5; versão literal). Isto é: seja sincero cada um no que entende ser exacto. Um resingador apressado retorquiria: então aceitar-se-á tudo, todos os equívocos, toda a exegese inadequada? Não o diz S. Paulo, não o diz a lógica nem o amor fraterno. Voltamos aqui ao princípio: não se trata de adoptar o tal sincretismo, mistura impossível de tragar, plataforma que traz consigo o desastre, a ruína de todos os que a arquitectem.

O problema da coexistência de pontos de vista secundários é o exposto pelo Apóstolo no texto citado. Não se referia ele às doutrinas fundamentais ou que implicassem desvio doutrinário, como as dos Judaizantes, que, esforçadamente, combateu. Mais tarde Santo Agostinho deixar-nos-ia, por sua vez, aquela máxima que tanto nos ajuda, quando bem compreendida: «No certo, a unidade, no dúbio, a liberdade, em tudo, a caridade».

Mas, o que é o «certo»?!

Olhemos os três marcos em retrospectiva e aparecer-nos-á em primeiro lugar a Caridade. «Caritas», o amor, essa força que é simpatia, atracção para convívio, necessidade de companhia e cooperação; o instinto gregário que nasce conosco e se desenvolve em experiên-

cia recompensadora; hábito que é uma segunda natureza; e, enfim, o reconhecimento da nossa fraqueza individual levando-nos a consultar os que passaram para a Eternidade e nos legaram o seu pensamento, assim como a buscar conselho nos contemporâneos que também o busquem, fracos como nós, e a quem ajudemos a reconhecer a sua fraqueza, igual à nossa. Ao passarmos todos pela «porta estreita» que dá entrada no Reino dos Céus teremos magnífica oportunidade de nos alinharmos, de reconhecer precedências, de evitar «cotoveladas», de medir distâncias, de sermos humildes, enfim, e nos sentirmos na definição do Épico:

«Um bichinho da terra, tão pequeno».

O «Convencional» retratado pelo génio evocador de Vitor Hugo nos «Miseráveis», quando à hora da morte foi visitado pelo Bispo Myrul e lhe pergunta: «Quem és tu?» ouve do Bispo esta resposta: «Vermis sum». Certo. A filáucia e a jactância, em mim como nos outros, mutuamente examinada nos momentos solenes, é uma estultícia inútil e sem verdade: inútil para a conquista de algum bem na terra e um entrave para o gozo do Bem eterno.

Há um curioso provérbio nosso que talvez tenha sido interpretado milhares de vezes num sentido cínico, mas que, bem entendido, encerra enorme verdade: «todos os conselhos ouvirás e só o teu seguirás». Pensais proventura que aí se nos ensina a ouvir conselhos alheios para descarregar a represa da verborreia ou da vaidade conselheiral dos nossos semelhantes, mas mantendo «a nossa fígada»? É maquiavélica essa explicação, se neste qualificativo não ofendemos Maquiavel. O provérbio é prudente, se bem o entendermos. Imaginai que temos um problema a resolver, ético ou doutrinário, tanto monta. Estamos irresolutos. A aceitação dum emprego ou o baptismo dum filho por exemplo. Ouviremos então os conselhos de quem nos mereça ser escutado: amigos, parentes, correligionários, confrades. E o nosso próprio conselho se vai então formando à custa dos outros, informado pelos outros. Não há desprezo ou embófia, se assim se nos apresenta o fenómeno mental da formação duma opinião pessoal pelo concurso de opiniões alheias. Entendido?

(Continua na pág. 8)

## Antologia Devocional

# A Oração privada e a Eucaristia

por uma religiosa da Comunidade Anglicana de «Santa Maria Virgem», Wantage.

A oração privada, é designada deste modo para a distinguir da «oração pública» que constitui o culto oficial da Igreja no templo...

Todavia a oração privada nunca é oração isolada. Seja como, onde, ou quando, for que tu ores, tu oras com a Igreja e na Igreja. E' como se fôra um grande rio no qual vão desaguar pequenos regatos. O rio, é a oração do próprio Cristo, a sua incessante mediação entre nós e Deus. Toda a oração cristã — isto é, toda a oração feita a Ele, ou mediante Ele, ao Pai e ao Espírito Santo — torna-se parte integrante da oração de Cristo, desagua naquele imenso rio. Importa lembrar este tremendo facto e reafirmá-lo em repetidos actos de fé...

Por outro lado, toda a espécie de oração é também individual. Na Sagrada Eucaristia, que é o **acto** do Corpo de Cristo em união com a Sua Cabeça (o Senhor), a Comunhão é dada ao indivíduo, no seio da Igreja:

A fórmula da entrega dos elementos é, em primeiro lugar, uma oração pelo indivíduo:

«O Corpo de nosso Senhor Jesus Cristo que foi dado por **ti**». «O Sangue de nosso Senhor Jesus Cristo que foi derramado por **ti**», «preserve o **teu** corpo e alma para a Vida Eterna». Em seguida vêm dois pares de mandamentos:

«Toma e come isto em memória de Cristo haver morrido por **ti**».

«Bebe isto em memória de haver sido o Sangue de Cristo derramado por **ti**».

«Dele **te** alimenta em **teu** coração por fé com acção de graças»; «sê agradecido».

Consideremos a relação destas palavras com a oração privada:

Primeiro, vemos que o fim da minha recepção do Sacramento é a preservação de *toda a minha personalidade*, corpo, alma e espírito, para a Vida Eterna.

Em segundo lugar observemos que sou **eu** que **tomo** o Sacramento com as mãos, com os lábios. Não me é imposto, ...recebo-o por um acto deliberado da minha vontade. Meu corpo e alma, que vão ser preservados pelo Sacramento para a Vida Eterna, cooperam nesta recepção.

Finalmente, é no **meu** próprio corpo, na **minha** própria alma, que recebo esse Sacramento. Esse Alimento que é o meu Senhor, o Filho de Deus feito Homem, é ao mesmo tempo corporal e espiritual, como eu próprio... Mas nos seus dois aspectos, opera de modos distintos. As espécies terrestres de pão e vinho que recebo, sustentam o corpo e vão-se unir a ele como acontece com qualquer alimento normal. Mas o Corpo e o Sangue de Cristo que estes elementos terrestres me comunicam, fazem-me parte integrante d'Ele. Recebendo a Sua vida sou assimilado por ela; torno-me naquilo que sou — membro do Seu Corpo.

Assim, para que este maravilhoso e abençoado processo de salvação possa ser continuado em mim até à sua consumação, depois de O ter recebido, devo continuar a alimentar-me d'Ele por fé e com acção de graças. Regressando a casa, depois de comungar, posso dizer com verdade que vou na companhia de Deus; trago-O comigo; levá-Lo-ei onde depois for. A função da minha oração privada é manter essa comunhão com Ele, que é simultaneamente, meu Hóspede, meu Salvador e meu Deus.

(De «This is Life», editado pelo Movimento Crístico dos Estudantes)

## Notas e Comentários

(Continuação da pág. 2)

línguas as suas tradições próprias etc., etc., faziam-nos alheios uns dos outros.

Como conseguir unidade, transpondo as barreiras naturais de isolamento, o abismo que há entre os homens, quando pela primeira vez se encontram? A raça, já tão misturada? A religião, já tão diluída em alguns sectores? Ainda que estes dois elementos, apesar de tudo, estivessem no fulcro do milagre que depois se verificou, faltava a mola que os devia impulsar uns contra os outros. E essa mola, essa força necessária que seria o elo que os devia unir e tornar o milagre realizável, contra um tempo imprevisível, foi a música, contados o articulista. Começaram a organizar, nas diversas aldeias, coros, com canções folclóricas das diversas origens dos seus habitantes e cantos religiosos.

Aquela gente que até então se comunicava a muito custo, com dificuldade, começou a abrir-se. Foi como se uma corrente eléctrica os fizesse falar numa linguagem que todos entendiam, e que tanto lhes dizia. Fê-los sacudir da apatia, na compreensão do seu próximo que sofria como ele, e que com ele ia iniciar uma nova vida numa nova Terra, que, a todos os respeito, era inóspita, ainda que tivesse sido dos seus pais, antes de serem dela expulsos há 2000 anos.

E cantando juntos, com alegria, ardor e entusiasmo, descobriram no canto uma força enorme, que os unia e que os fazia mover, atraindo-os num esforço comum e num sentimento elevado, para um melhor trabalho, para uma obra extraordinária, a criação da sua Pátria.

(<sup>1</sup>) Maio 1961 — pág. 236.

## PELA IGREJA

(Continuação da pág. 11)

alegria e entusiasmo. O nosso Irmão J. Lopes Pinto tem desempenhado ali papel de relevante importância.

Paróquia de S. Mateus  
Vila Franca de Xira

### Festa do Trabalho

No domingo, dia 7 de Maio, celebrou-se a Festa do Trabalho, sendo Orador o distinto pregador brasileiro Rev. Prof. Gerson de Azevedo Meyer, Obreiro Fraternal da Igreja Presbiteriana, o qual num substancial sermão frisou a «Oportunidade e necessidade do Trabalho».

### Dia das Mães

No domingo, 14 de Maio, celebrou-se a tradicional Festa das Mães, pregando o Pároco sobre «Deveres e responsabilidades das Mães».

### Dia do Seminário

No domingo 5 de Junho, dia do Seminário de Carcavelos, pregou o Seminarista Nelson P. Horta, da Igreja Metodista Portuguesa. O sermão pregado de forma atraente versou sobre as palavras outrora ditas a Moisés «Dize aos filhos de Israel que marchem».

### A caminho de férias

No dia 18 de Junho, aproveitando a sua passagem por Vila Franca, pregou, a convite do Pároco, o Seminarista José Salvador, da Igreja Presbiteriana. O tema do sermão foi: «Por que Jesus não se salvou a Si mesmo»? O sermão pregado com originalidade, terminou abruptamente deixando a cada um a oportunidade de responder à pergunta feita.

## CIÊNCIA DE TEMER

Não receio que os homens sejam demasiado científicos; O que me assusta é que eles não sejam suficientemente científicos.

Stanley Jones

## BÍBLIA ABERTA...

Cuida bem como vives; talvez seja a única Bíblia que certas pessoas lerão.

Anónimo

# A Educação dos Nossos Filhos

Rev. Saul de Sousa

Está ainda de fresco na mente de todos a comemoração do «*Dia das Mães*», que teve lugar em muitas igrejas no passado mês de Maio. Razão por que julgamos oportuno abordar o tema que encima estas linhas.

Entre os muitos problemas que temos de enfrentar, aparece, em primeira plana, por ser de capital importância, o da educação dos nossos filhos: problema respeitante aos pais e outros educadores, problema que por ser de flagrante actualidade e por envolver o próprio porvir não deve menosprezar-se, eximindo-nos assim à responsabilidade tão premente que nos assiste; mas deve antes procurar-se uma solução satisfatória para ele. Dizemos satisfatória, não fácil. E isto porque estamos convencidos que para tal problema não existem soluções fáceis.

Por toda a parte ouvimos queixas de que algo está errado na maneira como a nossa juventude está sendo conduzida ou se está conduzindo. Que alguma coisa se tem feito para tentar impedir esse alude de delinquência, não há a negar. Foi ainda há dois anos, se nos não falha a memória, que em Sévres se reuniram vinte e dois especialistas na matéria, para tratar de tão delicado problema. Foram apontadas as causas do mal (delinquência infantil e juvenil), e sugeridas medidas a tomar para a sua solução. Infelizmente, porém, o problema é por demais complexo e, por isso, na prática, não resultou o que se esperava.

Todavia, naquela altura, um dos matutinos da cidade de S. Paulo, referindo-se ao caso a que acima aludimos, trouxe como subtítulo do assunto em apreço, algo que nos parece indicar o caminho a seguir. Dizia assim: «*Os problemas da juventude moderna poderão ser resolvidos mediante uma rigorosa educação dos pais*».

Embora essa afirmação nos pareça perentória e categórica em demasia, temos de admitir que, pelo menos, nos traça uma linha de procedimento. Será fácil? Não, por certo.

Poderíamos parafrasear os métodos educacionais de Pestalozzi,

Froebel e Montessori, com uma frase de Rudyard Kipling, conhecido autor do célebre «*Se*»: «*Dê-me os primeiros seis anos da vida de uma criança e poderá ficar com o resto*». É que os primeiros anos da infância são decisivos para formação do carácter. Razão tinha o sábio Salomão quando disse: «*Instrue ao menino no caminho em que deve andar e, até quando velho for, dele se não desviará*». Mas para que alguém seja educador, um bom educador, necessário se torna que ele mesmo tenha sido educado.

Perguntando certa senhora a Napoleão quando devia começar-se a educar uma criança, foi-lhe respondido: «*vinte anos antes dele nascer, educando a mãe*».

Aqui destaca-se a mãe, não porque o pai não tenha ou não deva ter parte na educação dos filhos, mas porque a mãe, por via de regra e mercê de certas circunstâncias, é quem priva mais de perto com os filhos. Sabe-se que o drama familiar — como diria Maurice Porot — é constituído por três protagonistas: o pai, a mãe e o filho; e alguns figurantes: avós, tios, empregados, etc.

Na nossa actuação de educadores há como que um encadeamento de comportamentos complicantes, através dos quais transmitimos aos nossos filhos ou educandos os problemas que trouxemos da nossa própria infância. Daí a nossa grande responsabilidade: Ver o que de errado houve na educação que recebemos, para que, de modo algum, eles não venham a repetir-se na educação dos nossos filhos. Isto é mais importante do que à primeira vista pode parecer.

Pestalozzi, que a muitos títulos permanecerá entre os grandes na ciência de educar, dá-nos a chave do mistério: o amor à criança. Não o amor piegas, entenda-se; mas o amor esclarecido. O extracto de uma oração, que ele frequentemente oferecia a Deus, reza assim: «*O meu filho será um dia o meu juiz. Meu Deus, auxilia-me, não deixes que eu lance uma nódoa numa alma tão pura*». Aqui há que destacar o valor do exemplo para com a criança, valor assinalado e posto ao vivo por nosso Senhor Jesus

Cristo em São Mateus Cap. 18, ver. 6. E ainda no mesmo Cap., no ver. 10, nosso Senhor exorta-nos a que não desprezemos as crianças, porque os seus anjos nos Céus sempre vêm a face de Seu Pai. E, seja qual for a interpretação que se dê a este texto, uma coisa permanece: as crianças são objecto especial do amor de Deus.

Ao nascer-nos um filho, é como se o próprio Deus nos dissesse, o que outrora a princesa filha de Faraó, dissera à mãe de Moisés: «*Cuida dele, cria-mo e eu te recompensarei*».

A diferença básica entre nós e os nossos filhos é de responsabilidades: eles têm as suas e nós temos as nossas; mas subsiste o facto de que também somos irmãos. E disse nos apercebemos, quando dobrando os nossos joelhos, juntos dizemos: «*Pai nosso que estás nos Céus*»...

O que se diz aos pais, em particular, quanto ao ensino dos filhos, pode dizer-se aos educadores, de modo geral. É Pestalozzi, a quem já acima nos referimos, que uma vez mais nos esclarece: «*Não conheci nada em qualquer esquema, método ou arte que não começasse da maneira mais simples: pelo meu amor pela criança*. Estava convencido que o meu coração transformaria a criança tão súbitamente como, na Primavera, o Sol desperta a vida na Terra, entorpecida pelo Inverno; e não fui iludido; assim, antes da neve desaparecer das nossas montanhas, as minhas crianças ficaram irreconhecíveis». E acrescenta: «*Ensinar não é o princípio essencial da educação, esse princípio é o amor. Porque o amor é a eterna emanção da Divindade em nós; é o ponto central de toda a educação*. Nenhuma matéria ensinada vale um centavo, se destruir a coragem e a alegria».

Por seu lado, Froebel, pai dos Jardins da Infância, ensinava que a finalidade desses «*Jardins*» é tornar as crianças alegres, felizes! Se quisermos uma Humanidade feliz há que começar pela criança.

A Dra. Maria Montessori, considerada por muitos uma das maiores, se não a maior, autoridade em Pedagogia Moderna, ensina que «*O propósito da educação deve ser, primeiro que tudo, descobrir a alma da criança e efectuar a sua libertação*. O progresso realizado nos cuidados a dar à criança foi

Extracto duma carta do

**Rev. Prof. Paulo dos Santos Mendes**

Ao nosso redactor

*Rev. Saul de Sousa*

Do nosso velho Amigo, Rev. Paulo dos Santos Mendes, actualmente na Bélgica exercendo ali as funções de Pastor na Igreja Reformada, e de Professor de Moral em dois Liceus daquele País, recebemos uma gentil carta, da qual, com a devida vénia, transcrevemos alguns parágrafos.

A notícia da tua ordenação segundo o rito lusitano deu-me muita alegria assim como a tua adesão à velha Igreja Lusitana.

E o governo da Igreja? Desde a Igreja Primitiva tem sido o episcopado que lhe deu a continuidade histórica pelo menos dentro da Ordem, da organização, da disciplina, em virtude da qual e graças a ela, o clero é respeitado pelo povo, podendo assim exercer dignamente o apostolado que o Santo Espírito lhe inspira.

O meu desejo ardente é ver realizada a união das Igrejas escocesa e inglesa, prelúdio sem o qual se verá dificilmente realizada a união das igrejas presbiteriana e episcopaliana do globo.

Em Portugal essa união não seria difícil se todos pusessem um pouco da sua boa vontade e inteligência em acção.

A Igreja Lusitana é a única que responde verdadeiramente aos sentimentos piedosos e nacionais do nosso povo, que bem precisa do Evangelho, mas dum Evangelho que seja pregado sem ofender algumas das suas tradições verdadeiramente cristãs: o nosso povo sempre conheceu bispos e a exteriorização do culto. De erros e lacunas é que não precisa: uns devem ser extirpados, outros preenchidos!

A desunião das igrejas é um escândalo! E que pecado tremendo! Por que é que não se resolvem ao menos a denominar-se por uma só maneira: Igreja Evangélica... e unirem-se num só Sinodo com episcopado, unirem-se à mais velha Igreja Católica Reformada, a Igreja Lusitana? Mas a Liturgia é o «fantasma» que espanta, e no entanto que meio pedagógico e devocional tão precioso para levar as almas a derramarem-se aos pés de Cristo.

Enfim este meu desabafo que ecoa no teu espírito, exprime o vácuo religioso de muitas almas que habitam as igrejas onde só se prega e não se adora. Ora precisamente o fim da pregação é levar a alma a prostrar-se em adoração ao Deus vivo e verdadeiro, morto e ressuscitado para a sua salvação eterna.

Faz-me o grande favor de enviar esta requisição que junto te envio ao Administrador de «O Despertar» pois desejo receber esse belo jornal, que tenho lido sempre com muita satisfação.

# HOMENAGEM AO PROF

ANTIGO EVANGELISTA

PEDAGOGO NOTÁVEL, ORADOR ELOQUENTE,

«O Despertar» tem a honra de associar-se à homenagem (da Igreja Lusitana) pelo Governo do Estado de S. Paulo — Brasil — e educação de algumas gerações de alunos e na publicação de obras dos ginásios ultimamente construídos na cidade de S. Paulo.

Publicando uma das suas músicas, que se encontram só temos a certeza de evocar a sua memória em muitos membros de fazer lembrar às novas gerações um dos filhos dilectos da Igreja

NUM

Adágio

Música e letra de Eurico de Figueiredo

Voç

Num jar - dum O sal - va - dor so - freu Per -

Oração ou Piano

-rível a - go - mi - a Ante a maldade hu mana A alma desfale -

-ci - a Po - rem num arranco hercúleo sublime em heróici - da - de Bra -

Num jardim,  
O Salvador sofreu  
Terrível agonia.  
Ante a maldade humana  
A alma desfalecia.  
Porém, num arranco hercúleo,  
Sublime em heróicidade,  
Bradou ao Céu  
«Se faça, ó Deus, tua vontade!»

Que amor profundo  
Manifestou por nós  
O Salvador do mundo,  
Naquele jardim!

Num jardim,  
Homem piedoso  
Discípulo de Jesus  
Que o corpo do  
Fôra tirar da  
Construiu um  
E nele, com grande  
Depositou o corpo  
De nosso Salvador

Tudo findado  
A tragédia do mundo  
Havia terminado  
Naquele jardim

# EURICO DE FIGUEIREDO

DA IGREJA LUSITANA

ISTA DE GRANDE SENSIBILIDADE — (1897 - 1958)

prestada a Eurico de Figueiredo, (antigo membro e evangelista da Igreja Lusitana em reconhecimento da obra relevante de pedagogo, exercida no ensino didácticas e de educação moral da juventude, deu o seu nome a um

nda inédita, com data de 1919 (tinha o autor 22 anos de idade), não Igreja Lusitana que o conheceram e com ele privaram, como também Lusitana.

## ARDIM

- dou ao Cen - se - fa - ca - oh Deus In - a - ven - ta - de.

Que amor pro - fun - do, Que amor pro - fun - do

côro

Manifes - tou por nós O Salvador do mundo Na - - - que - le jardim!

rall.

bom,  
s,  
u Mestre  
;,  
a um túmulo,  
le dor,

Num jardim,  
Lacrimosas mulheres  
Entraram, juntamente,  
P'ra chorar junto ao túmulo  
O Salvador ausente.  
P'ra embalsamar Seu corpo  
Aromas conduziram,  
Porém em seu lugar  
Dois anjos então viram.

«Já ressurgiu!»  
Foi a palavra santa  
Que então ali se ouviu  
Naquele jardim!

gota

# Cónego Augusto Nogueira

Completo, no passado dia 10 de Junho, noventa anos, o Rev. Cónego Augusto Nogueira, Ministro da Paróquia do Salvador do Mundo (V. N. de Gaia) e Director da Escola do Prado, anexa àquela Paróquia.

A longa vida deste fiel Servo de Deus, tem sido uma fonte de inspiração e bênção, não só para os seus paroquianos, mas também para as inúmeras gerações de alunos que passaram pelas Escolas do Torne e do Prado, onde exerceu o magistério, 15 anos na primeira e 40 na segunda.

Foi seminarista Católico - Romano. Quase no fim do seu curso, sentiu a chamada do Altíssimo para uma melhor compreensão das Verdades do Evangelho. Pouco antes de receber as ordens maiores, ingressou na Igreja Lusitana, onde mais tarde foi ordenado.

Pouco depois da sua adesão a Igreja Reformada foi convidado pelo Rev. Diogo Cassels para o magistério nas escolas que fundara, onde colaborou com ele, não só nas aulas diurnas, em que milhares foram preparados para a vida, mas também em cursos nocturnos para melhor preparação profissional de empregados de comércio.

Digno e fiel colaborador de Diogo Cassels, tanto nas Escolas como no Ministério Sagrado, dele herdou o zelo de «servir», que galardão nenhum pode recompensar devidamente.

Continuador da Obra legada por aquele benemérito, o Rev. Cónego Augusto Nogueira soube sempre estar à altura da herança que recebeu.

Se agora a sua idade não lhe permite desempenhar as actividades em que durante tantos anos se multiplicou, nem por isso deixa de ter lugar de realce, no coração de todos os que sentiram a influência do seu espírito, sempre bondoso e amigo.

«O Despertar», fazendo - se intérprete de toda a Igreja Lusitana, saúda-o efusivamente, pedindo para ele as melhores bênçãos celestiais.

O culto sem o Sacramento é um culto incompleto. O Sacramento é a cúpula do culto. Conduz-nos à adoração e ao encontro verdadeiro com Deus, junto da Cruz de Seu Filho. Não nos privemos deste encontro.

Jean Cadier

...A franqueza não consiste em dizer tudo o que se pensa, mas em pensar tudo o que se diz.

Emile Deschanel

## Teologia comparada... como criá-la?!

(Continuação da pág. 3)

Se na vista retrospectiva começamos por divisar «caridade em tudo» veremos depois com olhos tolerantes a liberdade no que é duvidoso. Estudaremos os motivos tradicionais da dúvida e conheceremos, como anteriormente não conhecíamos, as razões pelas quais outrem tomou posições diferentes a respeito dela. E com que júbilo, por fim, daremos as mãos, na unidade do que é certo para o cristão: o próprio Cristo e a Sua cruz, expoente do amor de Deus, refúgio único para nos libertarmos de nós mesmos.

Surgem aqui os colóquios e simpósios, as assembleias e comissões.

Um amigo que há pouco deixou o Mundo para o gozo dum melhor estado, tendo aqui militado no grupo ou movimento espiritual dos chamados — «irmãos», e que possuidor duma cultura apreciável, sabia ironizar como poucos, contou-me que numa reunião dos seus «co-ideólogos», na fase aguda que todos os movimentos sofrem, ao surgir uma dúvida de hermenêutica, um dos presentes se atreveu a uma proposta insólita: que se nomeasse uma comissão...

Ardeu Troia! Uma comissão era a negação prática dos seus princípios, era a abdicação dos direitos individuais inalienáveis, era o caminho das autarquias espirituais, era... que sei eu, a deformação da «fé uma vez dada aos santos», entendida esta como dádiva para sempre pessoal e intransmissível!

Assim entendidas as coisas, nada feito. Iremos então ter com o «homem nobre» da parábola, levando a «mina» atada no nó do lenço particular (S. Lucas 19: 10); porque todo o esforço de rendimento é actividade colectiva!

Não. Hoje essas ideias extremistas estão felizmente ultrapassadas, pela necessidade lógica e a experiência obtida na prática. E se assim não é, completamente, venham os que podem vir a um apelo do Espírito, o Espírito que actua com todo o poder, somente onde todos se unem, desde o «cenáculo onde habitavam» (Actos 2; 1, 3 e 4).

Propor-se-ia uma assembleia inicial de representantes, voluntários, como aliás em tudo devemos ser, desde o «constrangimento do amor» de que nos fala S. Paulo (2.º aos Corint. 5: 14). Se traziam ou não credenciais, seria ponto secundário,

de começo. Nessa assembleia, com oração prévia, solene e fervorosa, somente se trataria de ir avante, se a utilidade da marcha fosse reconhecida, sabido que o grande óbice é a desconfiança mútua quanto às intenções últimas, e que «o amor não suspeita mal» (1.º aos Corint. 13: 5). Seguir-se-iam as maiorias, respeitar-se-iam as minorias, saudar-se-iam as desistências, se as houvesse. E no caso de surgir evidente acordo nomear-se-ia a comissão, não para o «incutir», nem mesmo para o «discutir», no sentido habitual dos termos, mas para ser mutuamente apresentado, com a candura de quem se estima e por isso se quer compreender, e também com a consciência da necessidade de quem sente aproximarem-se os mesmos perigos.

A rejeição de qualquer processo de aproximação é problema mais difícil de resolver que a quadratura do círculo ou o encontro do *motu-continuo*. E o que se não pode resolver resolvido fica.

Depois disso ficariam aqueles que aprendem com S. Paulo o «andamento individual» (Gal. 5: 16) que não impede, antes favorece a «marcha colectiva» (Gal. 5: 25).

O milagre que o génio de Ezequiel verificou (cap. 37 *passim*) quando «na mão de Deus» o molho de varas, emblema das tribos, se fez uma vara só, não é para nós o imitar. Compete-nos simplesmente esclarecer as posições, destruir os falsos julgamentos, conhecermos-nos melhor para melhor nos estimarmos. Deus fará o resto.

Eduardo Moreira

## DELIBERAÇÕES SINODAIS

A Comissão Permanente, reunida no dia 14 de Maio p. p., tomou, entre outras, as seguintes resoluções: 1) — Tomar conhecimento do falecimento do Revmo. Arcebispo John Gregg e perpetuar a sua memória, bem como a de Lord Plunket, colocando uma placa no baptistério, a construir na Catedral de S. Paulo, em Lisboa. 2) — Nomear o Rev. Saul de Sousa, Pároco da Igreja de S. Mateus, em Vila Franca de Xira, devendo a sua instituição ter lugar após um ano da sua ordenação, que ocorreu em fins de 1960. 3) — Autorizar cada Paróquia a dar aos seus fundos pastorais a aplicação que melhor entender. 4) — Começar desde já a fase inicial da construção do Templo de Alcaer do Sal.

## A Educação dos Nossos Filhos

(Continuação da pág. 3)

tomar-se na devida conta não só a vida física como a psíquica»...

Montessori critica a forma como por vezes impedimos o desenvolvimento psíquico da criança, compelindo-a a acompanhar-nos (no sentido figurado, está claro), levando-a muito embora pela mão, mas obrigando-a a precipitar os seus passinhos para nos acompanhar... Os que ensinam e tratam com crianças, carecem de aprender mais da psicologia infantil. Por outro lado, isto equivale a dizer que há necessidade de preparação espiritual por parte dos que ensinam. Em boa verdade, não temos tido a paciência necessária para compreender as crianças. Alguns até as tratam com desamor, como alguma coisa que os estorva. E em certos lugares são apodadas de «a canalha». Isto é sintomático, bastante significativo...

Por isso diz e muito bem Montessori: «O pecado mortal que nos domina e nos impede de compreender a criança é a cólera». Razão por que em seu método exige que os educadores tenham o que ela chama de «humildade espiritual», que os prepare para poderem compreender a criança. E acrescenta: «O que o educador deve procurar, é ver a criança como a viu Jesus» (S. Marc. 10: 13-16).

«O homem que, até hoje, só construiu um mundo para o adulto deve meter mãos à obra e edificar um mundo para a criança».

Saul de Sousa

## A Unidade que temos e a que buscamos

(Continuação da pág. 9)

mais por ela e trabalharmos melhor para ela.

A unidade do Espírito pelo vínculo da paz; o sermos todos um em Cristo como Ele é um com o Pai e o Espírito; a unidade em verdade e amor; aquele sermos perfeitos em unidade, a despeito das muitas diversidades que o Senhor ainda deixe na Sua Igreja, para sua maior beleza e mais intensa vida: eis a unidade que ainda não temos e que buscamos; eis a unidade que pedimos e aguardamos.

Então se dirá de toda a Igreja: «Da multidão dos que crêem, o coração é um e a alma uma».

E a voz da Igreja será mais forte no Mundo e muitos mais a escutarão.

A. Pinto Ribeiro



## A Unidade que temos e a que buscamos

Rev. Pinto Ribelro

«E da multidão dos que criam, o coração era um e a alma uma». Actos 4: 32.

No número de 1 de Abril de 1961 do «OBSERVER», órgão da Igreja Unida do Canadá, o autor duma carta ao editor desse jornal diz: «Não gemamos; cantemos!... Infelizmente há grande número de membros da Igreja que incorre no erro de se permitir gemer em voz alta sobre a multiplicidade das seitas e sobre o corpo partido do Senhor. Mas o que nós devemos é proclamar bem alto que todos chamamos a Jesus, Senhor e Mestre. Já somos todos «um em Cristo».

Na verdade devemos reconhecer a unidade que existe entre os cristãos em todo o mundo e dar graças a Deus por ela. Não só chamamos todos a Jesus Cristo, Mestre e Senhor, mas até podemos todos — cristãos Coptas, Nestorianos, Arménios, Ortodoxos, Mar-Thomas, Católicos Romanos, Velho-Católicos e Protestantes das várias Tradições — erguer-nos e recitar juntos o Credo Apostólico, antiquíssimo resumo da Fé Católica.

E, contudo, é também um facto que ainda estamos tristemente divididos. Lá no Oriente, monofisitas, nestorianos e ortodoxos não gozam de inter-comunhão, porque se têm mutuamente por hereges. Cá no Ocidente, católicos romanos, velho-católicos e cristãos reformados também andamos tristemente separados, mantendo um conflito que já vem de há séculos e que é difícil de sanar. Mesmo no Campo Reformado, estamos divididos em tradições ou denominações por mantermos diferentes pontos de vista sobre o Ministério da Igreja, os Sacramentos e a Disciplina.

Não percamos, porém de vista que todos nós, cristãos da Reforma, gozamos a bênção de uma Teologia Básica única e todos consideramos a Bíblia como Regra Suprema de Fé e Prática. Quanto às nossas tradições ou denominações, que se contam por centenas, podemos reduzi-las a quatro grupos: Tradição Luterana, Tradição de Genebra (Calvinista), Tradição Anglicana, e Tradição Anabaptista-Menonita. O resto é mera questão de nome. Por outro lado a controvérsia entre católicos romanos e reformados é muito mais sobre

aspectos da religião popular desta última do que sobre os grandes fundamentos da Fé os quais nos são realmente comuns. Na Teologia, os pontos principais em que divergimos, devido a uma interpretação diferente dos textos sagrados pertinentes, são: o Livre Arbitrio, a Justificação e Salvação do Homem, os Sacramentos, e a Mediação entre Deus e os Homens (veneração e invocação dos santos). Mesmo nestes pontos o desacordo não é completo.

Temos de admitir — e fazemo-lo alegremente — que existe uma unidade entre todos os cristãos, baseada nos fundamentos essenciais da nossa fé. Mas ao mesmo tempo, não podemos menos do que reconhecer, com profunda tristeza e contrição (porque a culpa é de nós todos) que a unidade que temos não é — nem de longe — aquela que o Senhor da Igreja desejou e pediu para nós, quando orou: «Pai, ... que eles todos sejam um, ... que sejam um em Nós, para que o mundo creia que Me enviaste... que sejam um como Nós somos um, ... que sejam perfeitos em unidade»... (João 17: 21-23).

Estamos muito longe de sermos perfeitos na unidade. Senão, vejamos: cristãos de uma comunhão não são tidos como comungantes na outra; ministros de uma confissão têm de ser reordenados, se desejarem ministrar noutra; tem-nos uns aos outros (e com toda a convicção, na maioria dos casos) por hereges e cismáticos; procura-se «converter» membros de uma confissão à outra; mantem-se uma controvérsia em que de um e outro lado tem faltado caridade; tem havido «guerras religiosas» em que cristãos se têm exterminado uns aos outros; e têm-se movido, de um e outro lado, atroz perseguições aos irmãos tidos por hereges, o que levou à tortura e morte de muitos homens e mulheres, cheios de amor e lealdade a Cristo.

Há, porém, nestes nossos dias sinais muito animadores. Nunca, por toda a Cristandade, se sentiu, com tão profundo anseio, o desejo de que todos os cristãos tenham e manifestem a sua unidade. Nunca

se sentiu tanta vergonha e tristeza por causa das nossas «desgraçadas desuniões». E esses sentimentos transformaram-se já em acção: organização do Conselho Mundial das Igrejas e movimentos nas Comunhões não reformadas tendentes à unificação dos cristãos. Vivemos no século do Ecumenismo e cremos que este movimento vem do Espírito Santo.

E que poderemos nós fazer, a fim de contribuirmos para esta reunificação de todos os cristãos, na Verdade e no Amor? Podemos fazer grandes coisas. Podemos procurar conhecer melhor, abstraindo da nossa própria formação confessional (que é um dos maiores obstáculos à compreensão dos outros cristãos), a exacta posição dos nossos irmãos de quem divergimos; podemos tomar uma atitude de mais tolerância e caridade; podemos reconhecer que, a despeito dos nossos erros, fraquezas e divisões, a graça do Senhor está produzindo gente santa, tanto entre os Pentecostais, Baptistas e Irmãos de Plymouth, num extremo, como entre os Anglo-Católicos, Católicos Romanos e Ortodoxos, no outro extremo; podemos evitar tratar descaridosamente os nossos irmãos que sabemos errados, tendo em conta que eles também amam ao Senhor; podemos, ainda que as crenças ou superstições dos nossos irmãos nos pareçam ridículas e absurdas, evitar ridicularizá-los, pois não será assim que os havemos de trazer para mais perto de Cristo e da Sua Verdade. Mas, sobretudo, podemos orar. Podemos orar inteligentemente, persistentemente, no Espírito Santo. Podemos pedir ao Pai, de Quem toda a Família no Céu e na Terra toma o nome, que envie por toda a Sua Igreja um movimento de reforma, reavivamento e unificação; podemos pedir-Lhe que nos torne mais fiéis, mais leais, mais compreensivos; podemos pedir-Lhe que infunda em toda a Sua Igreja um sentimento de profunda contrição e santo descontentamento pelas nossas tristes divisões; podemos pedir-Lhe que nos livre de pretendermos forçar a unidade do nosso próprio gosto e dos nossos planos favoritos e que nos prepare para acolhermos a Unidade que venha d'Ele seja ela qual for.

E preparemo-nos para essa bendita unidade, que talvez ainda venha nos nossos dias, se orarmos

# A Igreja Episcopal Brasileira

## EM BRASÍLIA

*Extracto do discurso oficial no lançamento da primeira pedra da Igreja de Ressurreição, pelo Rev. Dr. Octacílio M. da Costa*

«A obra da Igreja Episcopal Brasileira, tanto no sector espiritual, como no sector assistencial e educacional, estende-se, hoje em dia, por diferentes rincões do Brasil. Não poderia, portanto, deixar de fixar-se, também, em Brasília, a nova Capilal Brasileira, como um dos principais ramos da Igreja Católica, Apostólica e Evangélica, fundada por N. S. Jesus Cristo.

A Igreja Episcopal, além de se tornar uma Igreja nacional nos países onde se encontra, tem sido zelosa de sua catolicidade e apostolicidade. Ela procura cultivar uma fé universal, de acordo com a Religião que Cristo fundou no Mundo. É uma das continuadoras da Fé Católica e Evangélica, propagada no Mundo pelos Apóstolos e seus sucessores. Mantém seu episcopado histórico, sendo seus Bispos devidamente sagrados, segundo a tradição da Igreja.

O Cristianismo não é apenas uma doutrina é também uma norma de conduta para a vida do homem sobre a face da Terra, não podendo escapar de sua salutar influência as actividades básicas da espécie humana. A doutrina cristã é a norma que nos ensina a viver como irmãos, como bons cidadãos e como homens dignos de Deus, da Pátria e do Mundo.

A Igreja Episcopal é uma Igreja democrática, que não faz demagogia nem sectarismo religioso, pois sempre visou a perfeita compreensão entre todos aqueles que servem ao mesmo Cristo. A Igreja Episcopal procura, entretanto, conservar intacta sua dignidade, preservando-se de qualquer agravo a essência dos seus princípios básicos da sua doutrina, disciplina e culto.

Reconhecemos que o Mundo tem fome de Deus e que definha por não conhecer o seu Salvador, talvez por grande culpa nossa, que não temos sabido viver unidos como verdadeiros discípulos de Cristo.

Somos membros de uma Igreja que luta, pois o século actual é de degladiação ideológica entre as forças materialistas e espiritualistas.

A Igreja de Cristo, que á a esperança do Mundo conturbado, não poderá continuar dividida, o que aliás nós, episcopalianos, reconhecemos. Daí o pedir constante em nossas orações, pela unidade do povo de Deus, dizendo: «Dá-nos a graça de ponderar seriamente os grandes perigos causados por nossas infelizes divisões». A Igreja

Episcopal, como é do conhecimento geral, vem lutando por uma melhor compreensão e mesmo pela unidade do povo de Deus.

O mundo desarticulado e indeciso em que vivemos, aguarda que os guieiros do Cristianismo, de acordo com as determinações divinas, se unam, visando o cumprimento das palavras de seu augusto Mestre: — «Todos vós sois irmãos».

Uma melhor compreensão entre as diferentes denominações cristãs irá abrir novo



*Aspecto do lançamento da Pedra Fundamental da Igreja da Ressurreição em Brasília, Brasil, vendo-se o representante da Igreja da Inglaterra selando a urna e, da direita para a esquerda, o deputado Lauro Cruz, o senador Guido Mondim, o Revmo. Bispo Sherrill, o Rev. Dr. Octacílio, o Rev. Wendel e o Rev. Deslandes.*

caminho seguro para o Cristianismo, que arrastará uma nova era com respeito ao passado e esperança para o porvir.

As metas e os objectivos são comuns entre aqueles que servem a Deus, a fim de que haja um verdadeiro congraçamento de todos os seguidores de Cristo.

Para essa grande tarefa divina, há necessidade de metas a serem traçadas por homens cheios do Espírito Santo, ansiosos e prontos a cumprir, de imediato, a vontade de Deus, a fim de ser conquistado o Mundo para Cristo.

Dentro do espírito universal da Igreja, fundada pelo Filho do Eterno, há lugar para todos que desejam trabalhar em prol do engrandecimento do Reino de Deus entre os homens, contribuindo com amor e dedicação na formação de um Mundo melhor e mais feliz.

A Igreja Episcopal Brasileira ao lançar a pedra fundamental de seu novo templo em Brasília, ergue a sua voz a Deus, pedindo que «una a Sua Igreja, onde se achar dividida; por amor d'Aquele que morreu e ressuscitou e vive eternamente para interceder por nós, Jesus Cristo, nosso Senhor».

*Amen.*

## Calendário da Igreja

### JULHO

- 2 — 5.º Dom. depois da Trindade. Liv. O. pg. 194. Cor lit.: Verde.
- 9 — 6.º Dom. depois da Trindade. Liv. O. pg. 196. Cor lit.: Verde.
- 16 — 7.º Dom. depois da Trindade. Liv. O. pg. 198. Cor lit.: Verde.
- 23 — 8.º Dom. depois da Trindade. Liv. O. pg. 199. Cor lit.: Verde.
- 25 — Dia de S. Tiago. Liv. O. pg. 260. Cor lit.: Encarnada.
- 30 — 9.º Dom. depois da Trindade, Liv. O. pg. 201. Cor lit.: Verde.

### AGOSTO

- 6 — Transfiguração de Nosso Senhor, (10.º Dom. depois da Trindade) Liv. O. pg. 261 Cor lit.: Branca.
- 13 — 11.º Dom. depois da Trindade. Liv. O. pg. 205. Cor lit.: Verde.
- 20 — 12.º Dom. depois da Trindade. Liv. O. pg. 207. Cor lit.: Verde,
- 24 — Dia de S. Bartolomeu. Liv. O. pg. 263. Cor lit.: Encarnada.
- 27 — 13.º Dom. depois da Trindade. Liv. O. pg. 208. Cor lit.: Verde.

### SETEMBRO

- 3 — 14.º Dom. depois da Trindade. Liv. O. pg. 210. Cor lit.: Verde.
- 10 — 15.º Dom. depois da Trindade. Liv. O. pg. 212. Cor lit.: Verde.
- 17 — 16.º Dom. depois da Trindade. Liv. O. pg. 214. Cor lit.: Verde.
- 21 — Dia de S. Mateus. Liv. O. pg. 264. Cor lit.: Encarnada.
- 24 — 17.º Dom. depois da Trindade. Liv. O. pg. 216. Cor lit.: Verde.
- 29 — Dia de S. Miguel e todos os Anjos. Liv. O. pg. 265. Cor lit.: Branca.

### OUTUBRO

- 1 — 18.º Dom. depois da Trindade. Liv. O. pg. 217. Cor lit.: Verde.
- 8 — 19.º Dom. depois da Trindade. Liv. O. pg. 219. Cor lit.: Verde.
- 15 — 20.º Dom. depois da Trindade. Liv. O. pg. 221. Cor lit.: Verde.
- 18 — Dia de S. Lucas Evangelista. Liv. O. pg. 267. Cor lit.: Encarnada.
- 22 — 21.º Dom. depois da Trindade. Liv. O. pg. 223. Cor lit.: Verde.
- 28 — Dia de S. Simão e S. Judas Apóstolos. Liv. O. pg. 269. Cor lit.: Encarnada.
- 29 — 22.º Dom. depois da Trindade. Liv. O. pg. 225. Cor lit.: Verde.

## PELA IGREJA

### Notícias de Portugal

(Continuação da pág. 12)

curamos e trabalhar juntos para que se edifique o Corpo de Cristo na Terra numa unidade visível da forma e quando o Senhor da Igreja quiser.

Em nome dos obreiros que participaram neste Instituto

A Comissão Redactora,

Raimar Keinjel

Saul de Sousa

Francisco Abel Lopes

Mário Ferreira Neves

#### Sínodo Presbiteriano

Dos dias 18 a 21 de Junho, reuniu-se em Lisboa, no Templo da Igreja Presbiteriana, à Rua Tomás da Anunciação, o Sínodo da Igreja Presbiteriana. A Igreja Lusitana foi convidada a enviar um Delegado àquela Reunião Sinodal. Infelizmente, o convite foi recebido tarde demais para se proceder em conformidade com o que se nos pedia. Entretanto o nosso Bispo-eleito comunicou o seu desejo a todas as Paróquias para que se elevassem orações pedindo a direcção de Deus para aquele Concílio Presbiteriano.

#### Notícias Paroquiais

Paróquia da Catedral de S. Paulo  
Lisboa

##### Ágape de Confraternização

Realizou-se no dia 17 de Junho uma pequena festa organizada pela Sociedade de Senhoras, que reuniu um grande número de membros da Paróquia, num «ágape» de confraternização. São necessárias estas iniciativas de carácter social dum são convívio nas quais os jovens da Igreja podem mostrar os seus talentos e as senhoras as suas excelentes qualidades de cozinheiras. Toda a refeição foi servida com esmero e cuidado.

##### Obras de Renovação do Templo

Estão a entrar em fase de realização as obras há muito projectadas que são: o baptistério, o gabinete dos ministros, a pequena capela junto à rua, na cripta, o coro e o presbitério. Espera-se que todas as Paróquias possam cooperar nesta iniciativa, agora que a Igreja de S. Paulo passou a Catedral da Igreja, que é o conjunto de todas as Paróquias.

##### «Visita às Terras da Bíblia»

Foi o tema duma interessante palestra, acompanhada de projecções luminosas, proferida pelo ilustre membro desta congregação e distinto cirurgião, Dr. Ernesto Moreira. Todos acompanharam a «visita» com muito agrado, tendo ficado com uma ideia panorâmica da Terra Santa. Palestras destas são de grande interesse para a cultura dos membros, principalmente dos jovens.

Paróquia de S. João Evangelista  
V. N. de Gaia

##### Confirmações

No domingo 26 de Março (Domingo de Ramos) o Revmo. Bispo D. António F. Fiandor ministrou o rito da Confirmação a 7 jovens, que foram admitidos à Sagrada Comunhão no Domingo de Páscoa.

##### Conferências da Semana Santa

Nesse mesmo dia (26) o Pároco deu início a uma série de conferências, as quais versaram sobre «As sete Palavras da Cruz».

##### Festa das Mães

No dia 28 de Maio no Salão paroquial realizou-se a tradicional Festa das Mães. Houve um pequeno trecho alusivo às mães, representado por crianças e jovens especialmente escrito para essa ocasião.

##### Escola Dominical

Anexa à Missão de Valbom, foi recentemente organizada uma Escola Dominical, à qual meninas dedicadas da nossa Congregação de São João Evangelista estão fazendo o seu melhor pelo desenvolvimento daquela E. D.

##### Sociedade de «Esforço Cristão»

No dia 17 de Maio, na nossa Missão de Cristo em Oliveira do Douro, foi organizada uma Sociedade de «Esforço Cristão», cujo pedido de admissão na UPEC foi aceite com muita

(Continua na pág. 4)

## Convicções e Tolerância

(Continuação da pág. 1)

Em terceiro lugar, ao procurarmos cumprir o dever, que a todos obriga, de pregar o que cremos ser a verdade, recusaremos com firmeza usar de qualquer processo, que de longe sequer se pareça com suborno, coacção, ou difamação dos que não pensam como nós.

E' evidente que o suborno e a coacção podem quando muito fazer hipócritas, e fazem quase sempre revoltados e às vezes descrentes em toda a espécie de religião. O método, porém, em certos meios, está ainda longe de ter sido abandonado; a sua utilização só demonstra a falta de inteligência e de compreensão de quem o utiliza. Note-se todavia que o suborno pode às vezes revestir a forma de assistência caritativa—se até Satanás se disfarça em anjo de luz... Não duvido repetir a este respeito o que tive há anos ensejo de dizer num sermão: «Usar a caridade como instrumento de proselitismo, é prosstituir a caridade».

A posição católica reformada da Igreja Lusitana, é, por definição e por tradição, aberta e compreensiva. Contudo há determinados princípios que não admitem para nós qualquer espécie de compromisso: A Bíblia, suprema regra de fé; os «credos» católicos tradicionais, como expressão dessa fé, enten-

tidos como os entendeu a Igreja onde se formularam; os Sacramentos, instrumentos eficazes de graça, celebrados por ministério ordenado por bispos com sucessão histórica, não podem ser por nós abandonados sem deixarmos de ser o que somos.

Convidados a tomar qualquer atitude ou a participar de alguma actividade que represente abandono destes princípios, temos de responder com muita firmeza, embora o devamos fazer com toda a caridade: «Non possumus».

E não se julgue ser esta «humilde coerência connosco próprios»; (como alguém muito bem lhe chamou) falta de «espírito ecuménico».

O verdadeiro ecumenismo não tem nada de «confusionismo»; não faz tábua rasa dos princípios confessionais, desprezando-os ou ocultando-os. Tão pouco exige que se duvide ser verdadeira a nossa posição religiosa (e portanto estar errada a posição oposta).

Fazer ecumenismo, é em primeiro lugar, aprender a doer-se das «nossas desgraçadas divisões», do escândalo das barreiras que nos separam, romanos, orientais, anglicanos, velho-católicos e protestantes (sim porque ecumenismo, não é o mesmo que pan-protestantismo); fazer ecumenismo, é ainda orar com fervor não somente pela união entre todos os cristãos mas também pela santificação e prosperidade daqueles de quem estamos separados; é, finalmente, aprendermos a expor os nossos princípios e a escutar a exposição dos outros, no verdadeiro desejo de trabalhar deste modo para melhor compreensão mútua.

O espírito ecuménico, é, numa palavra, equilibrada combinação de firmes convicções e de ampla e caridosa tolerância.

Luis Rodrigues Pereira

# PELA IGREJA

## Notícias do Brasil

*Lançamento da pedra fundamental da Igreja da Ressurreição em Brasília.*

No dia 21 de Maio findo, Domingo de Pentecostes, às 16 horas, foi solenemente lançada a pedra fundamental da Igreja da Ressurreição, em Brasília, parte integrante da Diocese do Brasil Central, da Igreja Episcopal Brasileira. O acto foi presidido por Sua Excia. Rev.<sup>ma</sup> D. Edmund K. Sherrill, acolitado pelos Rev. Dr. Octacílio M. da Costa, Rev. Saulo Marques da Silva, Rev. Dr. Euclides Deslandes, Rev. David Wendell e o Rev. Farmborough, capelão da Comunhão Anglicana, representando Sua Excia. Rev.<sup>ma</sup> D. Daniel Evans, antiste anglicano com jurisdição na América do Sul.

O dito acto, foi precedido pela celebração da SS. Eucaristia e pela administração da Confirmação, sendo oficiante o Rev.<sup>mo</sup> Bispo Sherrill. Serviu de acólito o Rev. Saulo Marques da Silva, ministro em Brasília. Estas solenidades religiosas foram realizadas na Igreja Presbiteriana, gentilmente cedida.

Logo após, em procissão, o Rev.<sup>mo</sup> Bispo Sherrill, clérigos e fiéis dirigiram-se ao local, que fica num dos pontos principais de Brasília, onde será, dentro em breve, erguido o templo da Igreja da Ressurreição.

A parte devocional foi dirigida pelo Rev. Saulo Marques da Silva. O acto solene de lançamento da pedra fundamental foi feito pelo Rev.<sup>mo</sup> Bispo Sherrill, tendo Sua Rev.<sup>ma</sup> nessa ocasião, agradecido a presença de altas autoridades da República, da imprensa e de quase todas as demoninações cristãs.

As bandeiras do Brasil e da Igreja Episcopal Brasileira foram hasteadas, respectivamente, pelo Rev.<sup>mo</sup> Bispo Sherrill e pelo Senador Guido Mondin.

Na urna de bronze, colocada na pedra fundamental, foram depositados os jornais do dia, o «Estandarte Cristão», o «Avante», o «Livro de Oração Comum», a Bíblia, Esboço Histórico da IEB, Acta do Conselho da Missão da Ressurreição e um fino pergaminho, contendo dizeres referentes ao acto, e a planta da dita Igreja. Entre as pessoas que participaram deste acto destacam-se o Senador Guido Mondin, representando o Senado Federal, o Deputado Lauro Cruz, representando a Câmara dos Deputados, o Representante da Embaixada Britânica, o Rev. Farmborough, representante da Comunhão Anglicana.

Usaram da palavra em nome da Confederação Evangélica do Brasil o Rev. Dr. Euclides Deslandes e o Sr. Lutero Vieira.

A urna foi fechada, tendo o Rev.<sup>mo</sup> Bispo Sherrill, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, declarado o lançamento da pedra fundamental da Igreja da Ressurreição em Brasília.

Dada a palavra ao orador oficial Rev. Octacílio M. da Costa, este discorreu, longamente, sobre a obra espiritual, educacional e assistencial da IEB, em diversos rincões do Brasil, tendo, ainda, emitido conceitos sobre o mundo espiritualmente desarticulado dos nossos dias, que clama por uma melhor compreensão entre todos aqueles que servem ao mesmo Cristo. (Em outro lugar publicamos uma parte deste discurso).

## Notícias de Portugal

*Rev. Pinto Ribeiro*

Acaba de chegar de Angola, onde trabalhou na Missão Evangélica do Dondi, Bela Vista, como Professor no Seminário Emmanuel, o Rev. António Pinto Ribeiro, que durante um decénio foi ministro da Igreja de S. Paulo em Lisboa. Estavam no cais muitos dos membros desta Paróquia, que não esqueceram o seu antigo Pastor e assim lhe manifestaram a sua simpatia. O Rev. Pinto Ribeiro veio em férias. A este nosso querido Amigo e à sua Ex.<sup>ma</sup> Família, deseja o «Despertar» as maiores bênçãos de Deus.

*União Portuguesa de «Esforço Cristão» (2.º Aniversário da UPEC)*

No dia 6 de Abril celebrou a UPEC o seu 2.º aniversário com um atraente programa. Deu a honra da sua presença o Sr. Havold Westehoff, Secretário Geral da União Mundial. Foi-lhe prestada homenagem com a oferta de um colar com o distintivo em ouro, o qual foi colocado ao pescoço do homenageado pelo Secretário da UPEC. Foi também prestada homenagem à União Mundial, sendo-lhe oferecida uma salva de prata com o emblema da UPEC. Foram distribuídos pelos vencedores do Concurso bíblico, prémios, cabendo o primeiro ao nosso Irmão Jaime Rezende, da Igreja Metodista de Aveiro. Abridhantaram essa Reunião os grupos corais das Igrejas Metodista e Lusitana. Finalmente, o Sr. Westehoff e o Presidente da UPEC falaram da projecção do «Esforço Cristão» no Mundo.

*58.º Aniversário da Liga do «Esforço Cristão» de Gaia.*

No dia 9 de Maio celebrou esta Liga o seu 58.º aniversário. A Sessão foi presidida por Sua Exa. Revma. D. António F. Fiandor. Colaboraram nessa Reunião o coro da Igreja, o jovem Fernando Soares, e o Rev. Francisco Venâncio de Oliveira; a cargo do último, esteve a mensagem oficial. Foi prestada justa homenagem ao zelo «esforçador» Carlos Alberto de Jesus Almeida.

*Visita da UPEC à Missão de Oliveira do Douro*

Esta visita teve lugar no dia 21 de Maio. Estiveram presentes 130 pessoas. O Rev. Albert Aspey entregou uma consoladora e edificante mensagem sobre o tema «Religião com asas». Colaborou também o coro da Igreja.

*Seminário de Carcavelos*

Por uma gentil carta que nos foi enviada pelo actual Deão do Seminário Teológico Presbiteriano de Carcavelos, Rev. Dr. Henry M. Goodpasture, tomámos conhecimento de que o dia dedicado àquela Instituição de ensino religioso passara para o 1.º domingo de Julho de cada ano. Queremos registar aqui o nosso agradecimento pela informação, assim como pela Obra que o Seminário de Carcavelos tem realizado. Não queremos esquecer que já dois dos nossos ministros passaram pelos

seus bancos, e que um outro faz parte do seu Corpo Docente. Que Deus abençoe, pois, o Seminário de Carcavelos.

*1.º Instituto Teológico*

Dos dias 12 a 17 de Junho, teve lugar no Seminário de Carcavelos o 1.º Instituto Teológico para alunos e ex-alunos daquela Instituição. Um dos resultados daquele encontro e estudos foi a decisão de enviar uma carta circular aos Presidentes dos Sinodos das Igrejas: Presbiteriana, Metodista e Lusitana, cujo conteúdo é como segue:

*«Carcavelos, 17 de Junho 1961*

*Aos Dignm.ºs*

*Sínodo da Igreja Evangélica Metodista Portuguesa*

*Sínodo da Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica*

*Sínodo da Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal*

*Prezados Irmãos,*

*Ao encerrarmos o 1.º Instituto Teológico realizado em Carcavelos de 12 a 17 de Junho de 1961 e ao termos sido aqui confrontados com a necessidade de desenvolvermos uma acção comum, positiva e eficaz na evangelização de Portugal, de desenvolvermos nas nossas congregações uma intensa educação bíblica de todos os crentes; de darmos uma maior consciência à importância do trabalho e da responsabilidade dos leigos nas nossas comunidades evangélicas; de fomentarmos o diálogo inter-denominacional essencial à troca de experiências mútuas num espírito de amor e de pureza de intenções; de renovarmos a vida comunitária de tal forma que o amor fraterno, o testemunho e o serviço sejam um reflexo da luz de Cristo; de erguermos as nossas vozes em conjunto para dizermos ao Mundo o que somos e em Quem cremos; sentimo-nos também confrontados com a falta da nossa unidade nesse testemunho e nesse serviço que Deus nos chama a prestar no Mundo e sentimos que não estamos apresentando a esse Mundo Jesus Cristo tal como Ele é, e não estamos realizando o facto grandioso do amor e da unidade cristãs pela qual o nosso Mestre e Senhor comum orou perto da cruz (João 17: 18-23).*

*Chocados com o escândalo das nossas divisões sugerimos aos nossos Sinodos que procurem estabelecer entre si maiores contactos e maior colaboração, extensiva a todas as denominações que confessam que Jesus Cristo é o seu único Mestre e Senhor, e que as nossas Igrejas se empenhem na realização de uma reunião de representantes das mesmas que nos permita encontrar uma plataforma de acção comum sem quebra de princípios, de tal forma que todos possamos cumprir melhor a missão que Jesus Cristo nos deu.*

*Declaramos que desejamos colaborar uns com os outros, encontrar-nos em amor aos pés do Mestre, apesar das nossas diferenças, repudiar a uniformidade de pensamento, de práticas e de organização como necessária à unidade que pro-*

*(Continua na pág. 11)*